


EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A INTERPESSOALIDADE A PARTIR DOS RIOS INTERNOS DO SER HUMANO*


EDUCACIÓN AMBIENTAL: INTERPERSONALIDAD DE LOS RÍOS INTERNOS DEL SER HUMANO

ENVIRONMENTAL EDUCATION: INTERPERSONALISM FROM HUMAN INSIDE RIVERS


Andrea Pereyra Gioria**

 <https://orcid.org/0000-0001-9862-8549>

Ionara Cristina Albani***

 <https://orcid.org/0000-0003-3955-3326>

Tamires Lopes Podewils****

 <https://orcid.org/0000-0002-9683-0214>

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: GIORIA, A. P.; ALBANI, I. C. Educação ambiental: a interpeessoalidade a partir dos rios internos do ser humano. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 21, p. 524-538, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.4942>

RESUMO: Este artigo é resultado de um projeto de ação em Educação Ambiental que teve como objetivo geral, proporcionar à comunidade escolar, por meio da *práxis*, a reflexão e a reconstrução de posturas e de valores, possibilitando diferentes maneiras de compreender o lugar de pertencimento e constituindo distintas formas de relações. Como questionamento motivador, estabeleceu-se: o que está sendo feito para cuidar dos rios internos? Foi realizado com crianças da Educação Infantil e a comunidade escolar do Colégio Santa Teresinha, instituição pertencente à Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Observou-se, como principais resultados, a mudança de conduta com relação às ações, desenvolvendo uma compreensão social e melhorando, assim, as relações com o mundo. Ainda, o desenvolvimento de uma Educação Ambiental voltada para o progresso interpessoal do ser humano resultou em mudanças individuais pertinentes ao bem coletivo, as quais refletiram de forma explícita nas relações do grupo.

Palavras-chave: Educação Ambiental Estética. Rios internos. Interdisciplinaridade. Interpeessoalidade.

ABSTRACT: This article is the result of an action project in Environmental Education which had as a general objective to provide the school community, through *praxis*, with the reflection and reconstruction of postures and values, making different ways of understanding the place of belonging possible and constituting different forms of relationship. As a motivating question, it was determined that: what is being done to take care of the internal rivers? It was carried out with children from Early Childhood Education and the school community of Colégio Santa Teresinha, an institution of the Congregation of the School Sisters of Our Lady. It was

observed, as main results, the change of conduct related to the actions, developing a social understanding and, thus, improving relations with the world. Besides, the development of an Environmental Education focused on the interpersonal progress of the human being resulted in convenient individual changes to the collective good, which reflected explicitly in the group's relations.

Keywords: Aesthetic Environmental Education. Internal rivers. Interdisciplinarity. Interpersonality.

RESUMEN: Este artículo resume conclusiones obtenidas en la aplicación de un proyecto de acción, en el campo de la Educación Ambiental. Su objetivo principal fue el de proporcionar a la comunidad escolar, por medio de la *praxis*, la reflexión y la reconstrucción de posturas y valores, posibilitando diferentes maneras de comprender el lugar de pertenencia y constituyendo distintas formas de relaciones. El elemento motivador fue: ¿qué se está haciendo para cuidar de los rios internos? Los participantes fueron niños de Educación Infantil y comunidad escolar del Colegio Santa Teresita, perteneciente a la Congregación de las Hermanas Escolares de Nuestra Señora. Se observó como principales resultados, cambios de conducta en el actuar, desarrollando una comprensión social mejorando así, las relaciones con el mundo. El devenir de una Educación Ambiental centrada en el progreso interpersonal del ser humano, mostró cambios individuales dirigidos al bien colectivo, reflejados explícitamente en las relaciones del grupo.

Palabras clave: Educación Ambiental Estética. Rios Internos. Interdisciplinar. Interpersonal.

1 Introdução

A questão ambiental tem atravessado as portas de todas as casas, de forma mais intensa, nos últimos tempos, seja por meio da mídia ou por outras vias informativas. Trata-se de um tema emergente que precisa de atenção, pois, na maioria das vezes, é proveniente de atividades ligadas ao conflito social e reforça um sistema hegemônico.

Pensando na história da Educação Ambiental, percebe-se que houve avanços significativos. Em 1968, no Clube de Roma, foram debatidos assuntos como o consumo, as reservas naturais e o crescimento populacional. Alguns anos mais tarde, foi formulada a Carta de Belgrado (1975), a qual pautou os propósitos para que a Educação Ambiental pudesse buscar desenvolver, sendo eles: a conscientização, o conhecimento, o comportamento ou a atitude, a competência, a capacidade de avaliação e a participação. Nesse sentido, cabe uma reflexão sobre a forma como a Educação Ambiental vem sendo praticada nos diferentes espaços de educação (REIGOTA, 2001).

Atualmente, a manifestação acerca da necessidade de uma consciência coletiva sobre as questões ambientais vem ganhando força nas diferentes camadas sociais; porém, com superficialidade ou em uma perspectiva simplista. Nas escolas, o tema ambiental se resume à reciclagem e/ou aos cuidados com a água, assumindo um caráter fragmentado e de pouca profundidade sobre sua significância. É importante tratar destas questões; entretanto, é necessário pensar nas abordagens partindo de uma ressignificação e reconceitualização das concepções, na busca de outra adjetivação relacionada à Educação Ambiental, de forma interdisciplinar.

A água como temática aparece reiteradamente nos debates da Educação Ambiental. Nesse sentido, concorda-se que explorar, de fato, o valor e a necessidade de cuidar da água é uma questão inquestionável. Mas, a reflexão a qual se pretende provocar neste artigo vai para além dos rios da região, como o Rio dos Sinos, o Rio Jacuí, o Rio Uruguai, entre tantos outros. Trata-se do cuidado que temos para com os rios internos.

O pressuposto dessa teoria arrisca-se a levar o leitor a uma compreensão subliminar, transcendendo o sentido da água, aquela que compõe o planeta, para aquela que constitui o ser humano. Em uma visão metafórica os rios internos podem ser transportados para algumas premissas, as quais são primordiais para fundamentar o que a define. A primeira premissa parte de que o corpo humano é constituído por aproximadamente 60% de água; a segunda, narra as palavras citadas pelo Papa Francisco: “[...] os rios não bebem sua própria água; as árvores não comem seus próprios frutos. O sol não brilha para si mesmo; e as flores não espalham sua fragrância para si” (CADERNO DE MENSAGENS, 2007, [s. p.]). As premissas descritas constituem o corpo da teoria, pois somos água cursando e nosso porvir

* Artigo resultante de um projeto de ação desenvolvido no Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental *Lato Sensu* UAB da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

** Licenciada em Pedagogia séries Iniciais/Supervisão escolar pela UniRitter. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Castelo Branco. Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FURG
E-mail: andreapgoria@gmail.com

*** Licenciada em Pedagogia Anos Iniciais: crianças, jovens e adultos pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Doutoranda em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG, com parte do doutorado realizado na Universidade Pablo de Olavide – UPO, na Espanha. Docente do curso de pós-graduação Educação Ambiental *Lato Sensu* da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.
E-mail: ionara.albani@riogrande.ifrs.edu.br

**** Doutora em Educação Ambiental (PPGEA/FURG). Docente do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, em caráter temporário. Docente do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental *Lato Sensu* (FURG/UAB).
E-mail: poderias.t@gmail.com

está alicerçado a outrem. Na intenção dessa manifestação para um propósito social, a resultante da ação, seja esta qual for, poderá ser tocada, se pensarmos que o ser humano existe e co(existe) no Planeta Terra.

Assim, são os rios internos que tornam possível a existência humana. Discorrer sobre a importância da água na constituição humana vai muito além de citá-la como papel vital no organismo do indivíduo. Sabe-se que dela provém o funcionamento das células, as reações do corpo, os processos fisiológicos, o transporte e a eliminação de substâncias, a temperatura do corpo e a produção de lágrimas. Diante de tantas funções faz-se necessário ao indivíduo a hidratação, visto que, sem água, o organismo humano não é capaz de sobreviver.

Pensar na água e em sua importância é fundamental. É preciso cuidar dela, preservá-la e, principalmente, poupá-la. A preocupação com a água que corre no leito dos rios é tema mundial, quando se há risco de, sem ela, desacreditar-se da sobrevivência de futuras gerações.

A capacidade humana, por natureza, vem carregada de emoções, as quais se intensificam na medida em que as relações se estabelecem. A faculdade de sentir acontece antes da faculdade de aprender e compreender. As tendências morais do indivíduo têm caráter essencial e determinante para assegurar a espécie humana (ROUSSEAU, 1995). Nesse sentido, deliberando ao que não é sensível aos olhos, entende-se que o alicerce de uma vida racional, parte de uma base estética afetiva.

As relações fazem o sujeito construir os valores éticos e morais, que moldam sua totalidade como ser. Ao nascer o sujeito é livre para experimentar e sua ingenuidade inata revela sua natural essência. Os rios internos vertem água pelo seu íntimo, buscando transbordar o que há de mais valioso dentro do ser humano. Cuidar da preciosidade da água que nos constitui sugere atitudes e valores de cidadania.

Na contemporaneidade, vive-se em uma sociedade que aponta para um comportamento agressivo, fazendo os rios internos do ser humano serem arrastados por essa gravidade, que os puxa para baixo. Assim como as águas dos rios, os rios internos não correm permanentemente na mesma velocidade. Alguns rios agem de modo mais responsável e sensível; outros, de forma impiedosa e impassível. Assim, como nas águas dos rios, acontece o atrito, como se duas forças opostas tivessem o propósito de postergar mutuamente a chegada à superfície.

Ainda, usando a analogia da água, podemos comparar o ser humano a uma grande cascata, que verte sua água depressa, com pureza e leveza, assim como o faz o homem em sua verdadeira essência. Para os rios que compõem o Planeta Terra, existe água suficiente que permite que corram por aproximadamente duas semanas. Serem reabastecidos é primordial para que os rios não sequem, fenômeno que ocorre através da chuva. Logo, transbordar os rios internos, para que de fato sigam correndo de forma

contemplativa, requer transcorrer a partir de valores morais que priorizam o caráter, a integralidade do ser, a qualidade, a significação espacial, levando em consideração como fundamentais a benevolência e a caridade. E, assim, seguindo as palavras do Papa Francisco: “[...] a vida é boa quando você está feliz; mas, a vida é muito melhor quando os outros estão felizes por sua causa” (CADERNO DE MENSAGENS, 2007, [s. p.]).

Nesse sentido, cabe pensar na Educação Ambiental como um alicerce de intervenção individual, para uma reflexão-ação, rumo a um caminho de ressignificação de valores e reconstrução da ética e da moral. Para isso, o meio ambiente depende da profundidade e correção do conhecimento individual de cada um sobre a natureza, sendo, então, este o ponto de partida: conhecer como a natureza acontece dentro das pessoas. Esta condição predispõe que o eu individual possa emergir em si mesmo com o objetivo de ambientar-se com a própria natureza, que é uma das tantas parcialidades que ela possui. Assim, parte-se da premissa de que as pessoas são um curso de água caminhando.

Compreende-se que a Educação Ambiental possui forças para transformar e proporcionar uma vida de melhor qualidade para as pessoas. Acredita-se que uma das possibilidades de trabalhar a Educação Ambiental é por meio da instituição escola, por esta oferecer recursos e condições favorecedoras de torná-la possível e concreta.

Em uma busca sobre artigos relacionados ao tema da água, encontraram-se trabalhos ligados ao consumo consciente, à sustentabilidade e à qualidade da água. O tema é pertinente de ser explorado, entretanto, o que se propôs no projeto de ação que deu origem a esse artigo foi uma linha de trabalho, dentro da escola, que foi para além da reflexão sobre o desperdício e a poluição da água, instigando o cuidado com a água de uma forma subjetiva, ou seja, pensar em uma diferente conduta do ser humano com o meio e com os seus afins.

É válido refletir que as pessoas são agentes em tudo aquilo que fazem. Propõe-se aqui a Educação Ambiental em um sentido mais amplo, buscando possibilidades, por meio da mudança da postura dos indivíduos, na busca pela essência do comportamento, apoiados nos conceitos de alteridade, compaixão e empatia.

Admitir essa condição importante da busca pela essência do comportamento não condiciona o sujeito ao que é comportamental, mas sim leva à aceitação da condição de ser/estar neste mundo, de contexto múltiplo, e que requer o entendimento sensível deste paradigma, para conquistar a almejada superação do comportamento antropocêntrico, este sim condicionado e imposto pelo *status quo*. Nessa perspectiva, os conceitos de alteridade, compaixão e empatia caminham juntos, visto que são necessários para a transformação de pensamentos e ações dos indivíduos.

Em diálogo com Sato e Passos (2002), ressalta-se que a busca da alteridade se faz pelo desejo e pelas paixões

que visam à transformação social, ou seja, está diretamente ligada ao universo das relações do indivíduo dentro de si mesmo, bem como, na relação com o outro e com o meio natural, ampliando a formação de sua identidade e de sua interdependência no grupo ao qual é parte constituinte e está vinculado. As paixões partem da coparticipação dos sujeitos, vertendo ideias plurais que estão na essência reflexiva, visando a uma Terra composta por responsabilidade ecológica e humana, sendo esta tessitura de diversidade um dos maiores desafios da Educação Ambiental que se ajusta no conceito de dependência com o outro (SATO; PASSOS, 2002). Assim, a interdependência nos faz atentar de forma contínua aos hábitos de vida, princípios e preceitos que nos regem e garantem nossas condutas sociais, para assim dispormos de atitudes que assegurem de fato uma ótica sustentável.

Se os seres humanos são constituídos por aproximadamente 60% de água, compreende-se que são água cursando, assim como correm os rios no leito. São água interagindo. São água que transforma. São água que deixa marcas. A partir desse contexto, o problema motivador do projeto de ação que resultou neste artigo foi: o que está sendo feito para cuidar dos rios internos?

Nesse sentido, este artigo traz uma ação executada no Colégio Santa Teresinha, instituição pertencente à Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, atendendo, atualmente, alunos desde dois anos de idade. O colégio oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Como proposta pedagógica, atende às demandas da sociedade contemporânea, que apontam necessidades importantes de serem consideradas no desenvolvimento de práticas educativas comprometidas com a transformação social.

Assim, entender as relações que se estabelecem com a natureza é primordial para problematizar a partir de um reconhecimento de espaço e, com base nisso, assumir compromisso, instigando o sentimento de pertencimento ao lugar. No momento em que o ser humano se reconhecer como parte da natureza e não como um ser provido de poderes sobre ela, mudará, de fato, os meios de vida.

Este artigo baseia-se em um trabalho de ressignificação pessoal, de forma que os sujeitos envolvidos foram instigados a pensar sobre o seu papel na natureza. Por se tratar de uma ação junto a crianças da Educação Básica, segmento da Educação Infantil, as propostas foram dirigidas de forma lúdica e concreta. O trabalho foi conduzido e está alicerçado sob a perspectiva da Educação Ambiental Estética. Esta se constitui em uma prática que instiga mudanças de comportamento com relação às ações, na tentativa de criar alternativas e contribuir para o desenvolvimento de uma compreensão social e, melhorar, assim, as relações com o mundo.

Frente ao exposto, faz-se a seguir uma breve reflexão sobre os pontos significativos que constituíram o projeto de ação de Educação Ambiental. Inicialmente, este artigo

tece sobre aspectos metodológicos, transcorrendo sobre as ações que deram sustentação ao problema motivador. Posteriormente, no capítulo “Sensibilidade: um paradigma para a transformação”, optou-se por fazer a discussão dos resultados do projeto de ação atrelado à fundamentação teórica. Assim, no texto “Gestão sustentável da água em uma perspectiva subjetiva do indivíduo”, traz-se a importância da sensibilização coletiva para a contribuição do bem comum. Na sequência, o texto “Pertencer para agir na magnitude da (re)significação” remete ao leitor à consciência do pertencimento do indivíduo, trazendo o significado da palavra “ambientar-se”. Por último, são apresentadas as considerações atuais.

2 aspectos metodológicos: o despertar do ser sensível

A Educação Ambiental pode ser compreendida como um processo que se desenvolve de forma concomitante, em que cada indivíduo pode compreender-se como protagonista, atuando de forma ativa e analítica, buscando transformações, por meio de uma ação ética e coerente com o exercício da cidadania. Dessa forma, as propostas foram divididas em uma sequência, de forma a contemplar as necessidades emergentes no contexto escolar, abrangendo àquelas percebidas como problema motivador que deram origem a este projeto.

A proposta teve como intenção envolver, além dos alunos da turma de Educação Infantil, a comunidade escolar (funcionários, professores e famílias). Contemplando as necessidades emergentes no contexto escolar, o ponto de partida foi apresentar e explicar o projeto pretendido em uma reunião com a direção da escola. A partir da aprovação das intenções, por parte da instituição, fez-se necessário instigar nas crianças, o sentimento de pertencimento a este lugar. Esta proposta foi feita em contato direto com os diferentes espaços da escola, utilizando histórias, propostas de desenho e o reconhecimento do lugar. Nesse sentido, Mota, Cousin e Kitzmann (2018, p. 213) dialogam sobre esta questão, trazendo que:

[...] o lugar é uma categoria de mediação da experiência humana no mundo – um guardador de relações corpóreas atreladas a um conjunto de circunstancialidades socioambientais que na contemporaneidade são especialmente produzidas pela maternidade espacial.

A partir disso, foi necessário explorar com as crianças a importância da água, atividade realizada por meio de experiências concretas que comprovaram sua relevância para a existência da vida. Com o objetivo de despertar o sentimento de sensibilidade individual, foi construído, de

forma progressiva, um jardim itinerante dentro da escola. Nessa atividade, oportunizou-se o contato direto com a terra, a água, mudas de plantas, flores e sementes. Posteriormente, iniciou-se a construção de uma horta com plantas medicinais e também de uma horta viva.

Paralelamente, foi feita uma reunião de cunho pedagógico, a fim de compartilhar e partilhar ideias sobre o projeto de ação desenvolvido, avaliando e instigando a reflexão dos pais dos alunos envolvidos nesta proposta. O encerramento do projeto resultou em um encontro pedagógico com as crianças e seus familiares, momento em que se pode dialogar sobre o que foi composto e de construir outras perspectivas sobre as relações sociais individuais de cada um. Costurou-se um elo, trocando mudas de orquídeas, no intuito de não esquecer a caminhada e entender o compromisso de cultivar aquela orquídea diariamente da mesma forma como se cultivam as relações com os outros. Construiu-se o conceito sustentável dos rios internos e propagou-se a promessa de promovê-lo por onde seja o agir de cada um.

3 Sensibilidade: um paradigma para a transformação

Muito mais que repercutir para uma Educação Ambiental de práticas sustentáveis, os próximos títulos remetem para o despertar de uma consciência crítica sobre a realidade, trazendo elementos para a (res)significação particular. Pretendem atingir a reflexão global do indivíduo sobre o ambiente, argumentando valores e atitudes que possibilitam uma postura consciente sob questões que envolvem o meio ambiente, referentes à subsistência em conformidade com a interrupção da deterioração dos recursos naturais e, assim, prezar por uma vida de qualidade. Discutem a questão da gestão sustentável da água em uma perspectiva subjetiva, paradigma fundamental para resultar na renovação própria do ser humano. É importante ressaltar que se optou por não fazer um capítulo somente de Fundamentação Teórica, pois se entende que esta estará dando embasamento e permeando as discussões acima descritas.

3.1 Gestão sustentável da água em uma perspectiva subjetiva do indivíduo

O ser humano contemporâneo dificilmente se considera como parte da natureza, o que gera nas relações de mundo uma concepção antropocêntrica e individualista. Instigar atitudes intencionadas para a sensibilização coletiva no sentido de entender os valores sociais voltados para uma mudança individual, o que somente tem a contribuir para o acolhimento e qualidade do meio ambiente.

À raiz desta linha de raciocínio, a ideia da execução do projeto foi levada em uma reunião para a equipe diretiva.

Indagar o tema da água no seu enfoque subjetivo foi uma questão motivadora para a escola, a qual apoiou de forma positiva a execução das atividades. A segunda etapa desta ação foi envolver as crianças com o tema da água e familiarizá-las com as questões sobre a natureza. Explorou-se uma experiência concreta sobre o ciclo da água, de forma que puderam compreender sua importância para a existência do ser humano. Pensar na água desta forma remeteu, aos alunos, uma reflexão individual para o bem comum, ou seja, cada um pode sentir o eu-individual, construindo no processo uma dimensão, na qual se reconheceram como parte da natureza e, assim, demonstraram, nos diferentes momentos da rotina, sua preocupação com a água.

Nesse sentido, durante a proposta, uma das categorias exploradas foi a da alteridade, ou seja, partir de um princípio de que se vive uma vida compartilhada com um “patrimônio” comum, ao qual se pertence.

O patrimônio não é somente natural, é igualmente cultural: as construções e os ordenamentos humanos são testemunhos da aliança entre criação humana e os materiais e as possibilidades da natureza. A arquitetura, entre outros elementos, se encontra no centro desta interação. O meio ambiente é também o da cidade, da praça pública, dos jardins cultivados etc. (SAUVÉ, 2005, p. 25).

Seguindo essa perspectiva, entende-se que é importante trazer uma reflexão sobre a ética que desafia a pensar no quão e no que se faz por cuidar deste espaço comum. No entanto, cuidar do espaço comum se constitui em fazer parte da essência de uma ação política que elucida uma compreensão crítica da Educação Ambiental, em uma ótica transformadora, visando a uma *práxis* educativa, voltada para uma ação modificadora e simultânea dos indivíduos, em uma relação interdisciplinar.

O campo social atual se constrói a partir de uma sociedade antropocêntrica. Carece-se pela busca de formulações éticas que se esbarram com a autenticidade e com o desejo de mobilizar o indivíduo na procura da legitimação de ideia do bem, orientadas por ações morais e políticas de nossa época, as quais carecem de pretensões de universalidade (CARVALHO, 1998).

Assim, pensar a Educação Ambiental pela existência, ou seja, na ação com conhecimento e pela responsabilidade com o outro e com a vida, é promover a sensibilização e a reflexão. Restaurar e reabilitar os espaços, encontrando, através do contato com a natureza viva, diferentes formas de gestão pessoal e coletiva parece ser o caminho para um fazer social, democrático e sustentável.

Diante do exposto até aqui, cabe refletir sobre quais espaços são favorecedores de uma reconstrução moral, partindo de uma análise ética sobre nossas ações em

sociedade. Segundo o Programa Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, no artigo 4º, inciso I, os princípios básicos da Educação Ambiental estão voltados para um enfoque humanista, holístico, democrático e participativo (BRASIL, 2005). Partindo destes princípios da Educação Ambiental, problematiza-se a forma como as concepções sobre eles vêm sendo constituídas, principalmente no âmbito da escola, lugar onde o projeto de ação foi desenvolvido. Para isso, é importante trazer a seguinte concepção de Meio Ambiente, conforme Reigota (2001, p. 21):

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos e transformação da natureza e da sociedade.

Assim, destaca-se que o debate vai para além de uma questão ecológica, visto que ele envolve sujeitos para uma ação única e acabada. Este trabalho visa a uma perspectiva educativa de cunho interdisciplinar que “[...] analisa temas que permitem enfocar as relações entre a humanidade e o meio natural, e as relações sociais, sem deixar de lado as suas especificidades” (REIGOTA, 2001, p. 25). Nesse sentido, a proposta foi trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar.

Como se percebe, este trabalho não é tarefa fácil. É necessário que haja um engajamento por parte da escola, e aqui se refere aos professores, à equipe diretiva e à comunidade escolar, trabalhando as questões ambientais em uma relação interpessoal. Sauvé (2016) refere-se às questões de construção de identidades pessoais e coletivas, apontando para a reflexão acerca do desafio comum de aprender a viver juntos e sobre as políticas públicas nas práticas da Educação Ambiental no campo da educação.

Isto posto, trata-se de sentir o eu individual construindo, no processo, uma dimensão em que se reconheça como parcialidade da natureza, e que, por sua ação constante, faça a diferença onde seja o seu agir. Sauvé (2016, p. 291) dialoga com essa concepção, ressaltando que:

[...] a educação ambiental nos desafia em torno de questões vivas; ela responde às inquietudes maiores. Ela nos faz aprender a reabitar coletivamente nossos meios de vida, de modo responsável, em função de valores constantemente.

Trata-se aqui de uma premissa fundamental que é a da conscientização individual, que fala da questão da reflexão daquilo que cada um vem fazendo para melhor fluir

em um mundo coletivo. A chamada individual para esta reflexão convida os indivíduos a avaliarem meios e medidas para compreender e buscarem soluções para os problemas planetários, de forma legítima.

Nesse enfoque, foi fundamental desenvolver, junto às crianças, a capacidade de se reconhecerem pertencentes ao lugar em que vivem, pois somente assim o movimento de uma Educação Crítica e Transformadora se constitui, de fato, como um ato político, ou seja, trabalha as questões do processo de construção da existência, das relações a que ela envolve e que evocam no compromisso do “eu” com o “outro” em uma dimensão ética. Maturana (2009, p. 19) menciona que: “[...] a ética não requer justificações, precisamente porque é uma consciência, um sentir; alguém sabe quando atua desde o desejo de acolher o outro, a outra ou tudo o mais, e quando não”. Dessa forma, a questão do pertencimento foi explorada de forma lúdica e divertida, em momentos em que as crianças puderam vivenciar atividades pedagógicas nos diferentes espaços da escola e assim puderam se reconhecer como parte daquele lugar em um espaço de Educação Ambiental interdisciplinar.

Isto significa um mergulho das práticas educativas na rede de novas sociabilidades e valores que tecem os acontecimentos sociais e históricos, onde a vida realmente acontece. É aí que os indivíduos podem tornar-se sujeitos, através de experiências educacionais engajadas nos processos de construção de uma cidadania que inclui novas sensibilidades éticas e convivências. (CARVALHO, 1998, p. 5).

Sá (2005) traz a reflexão sobre a questão do pertencimento, mediante uma proposta da autocompreensão como coexistente de um espaço organizado socialmente de vida compartilhada. Nesse sentido, ter a consciência das ações deriva em uma reflexão sobre as posturas que se assumem nas relações sociais e com o ambiente que nos contém.

Dessa forma, entende-se a importância de transformar pela atividade consciente, através de uma ação que viabilize uma postura de cooperação, solidariedade, respeito e compaixão nas relações, tendo como mediadora deste processo a Educação Ambiental. Ou seja, na trajetória desta proposta, surge a categoria do pertencimento que nos desafia a refletir sobre o “aqui” e a construir a identidade dos indivíduos a partir de uma superação pessoal, reconstruindo valores e recriando uma relação com a natureza e com as pessoas.

3.2 Pertencer para agir na magnitude da (re) significação

O termo “ambiental” (DICIO, 2019), no seu significado original, remete ao pertencimento de algo, ou seja,

ao seu próprio ambiente. Já a palavra “ambiente” (DICIO, 2019) pode ser tanto adjetivo, como substantivo. Como adjetivo, ela se reveste de propriedades positivas ou negativas, necessitando de uma escala de valores, e pode ser estética (poesia), ou política (programas partidários), ou comercial etc. Como substantivo, a palavra é mais científica e permite uma análise mais “desapaixonante”. A palavra “ambientar” (DICIO, 2019) pode significar situar-se e/ou adaptar-se a um determinado ambiente. Assim, objetiva-se que, a partir de uma situação pré-definida e inicial, possa ser possível uma adaptação a todos os ambientes que se desejam. Certos insetos, no seu ambiente, vivem coletivamente e sem individualidades, por exemplo, as formigas, as vespas, as abelhas entre tantos outros. Seres humanos possuem consciência individual; logo, embora vivam em sociedade (são gregários), nunca perdem a condição de pessoa.

A condição de pessoa, em função de suas múltiplas capacidades, direcionou a espécie humana, através dos tempos, a uma busca incansável pelo dito “conforto” e a impulsionou a desvendar a natureza, a construção de leis e convenções, ao desenvolvimento de habilidades. Tudo no intuito da busca pelo bem individual.

No entanto, com todo o desenvolvimento que a condição de ser humano foi capaz de alcançar no mundo de hoje, ainda assim, padece-se de solidariedade, paz, amor, empatia e de outros valores. E estes são substantivos que, seguindo o caminho desta reflexão, não necessitam de nenhuma capacidade especial, apenas a de ser verdadeiramente humano. Parece que a intenção de cuidar da água do Planeta escapa por entre os dedos. Como ressalta Mota (2016, p. 4): “[...] desse modo, há uma urgência em se voltar para a existência e para a essência de cada corpo-vivido-sensível, buscando unificar as funções motoras e afetivas por meio da percepção”.

Pensar em pertencimento sugere a (re)construção oportuna dos ambientes nos quais o indivíduo estabelece uma relação. O lugar de pertencimento pede clemência por um sentido, ao qual somente pode ser cedido pelo sentimento de fazer parte dele. Ao nascermos, somos moldados em uma teia composta de valores, condutas, comportamentos pré-definidos, e estes correspondem a uma realidade determinada. Perceber-se agente do ambiente supõe uma práxis, uma experimentação que parte de um sentimento interno e desperta a compreensão e a significância do pertencer para agir, com o objetivo de deliberar em favor da responsabilidade com a vida.

Dessa forma, compreende-se que: o pertencimento pondera a importância das relações existentes entre os desejos a priori, daquele que pretende (re) significar, e do meio que constitui o lugar. E as marcas afins daquele que age vão deixando seus rastros e histórias no tempo, e, quiçá, vão despertando a pretensão inspiradora da consciência do (con)viver partilhado. Supõe-se aqui a ação de colocar em prática uma empreitada coletiva. Sobre esse aspecto, Mota, Cousin e Kitzmann (2018, p. 221) afirmam que:

A partir da implementação de um trabalho coletivo, os lugares poderão ser (re)significados na memória de cada sujeito, despertando o sentimento de pertencimento a um lugar que é coletivo, é plural, é diverso, é dinâmico e é participativo, sendo também subjetivo. Dessa forma, o lugar reflete uma organização social em sua dinâmica, em sua simbiose, em sua potência, deixando visíveis suas fragilidades e limites. Pois, é constituído e constitutivo dos seres humanos em sua plenitude.

Assim, na busca pela sensibilidade individual, a construção de um jardim itinerante, de hortas de plantas medicinais e aromáticas dentro da escola tiveram o objetivo de semear um espaço de Educação Ambiental, favorecendo experiências diretas com a natureza e oportunizando o entorno a estas experiências. Uma aprendizagem verdadeira se efetiva na ação direta dos sujeitos da aprendizagem, sendo eles os reais sujeitos de construção e reconstrução do saber ensinado (FREIRE, 1967, 1996, 2000). A construção de cada espaço foi significativa; afinal, na medida em que a proposta se edificava, um sentimento de plenitude se apropriava de todos. Ver a intimidade das crianças com a terra, com a água e com as folhas e flores teve um valor esplêndido. A transformação foi nítida, as relações alcançaram outros patamares em que a sustentabilidade da vida e a ética ecológica se tornaram o cerne da questão (SAUVÉ, 2016), proporcionando que elas se ambientassem a essa prática e esse novo mundo construído como que naturalmente.

Nessa analogia, o sentido de “ambientar-se” sugere uma reconstrução de valores a aquilo que os seres humanos já são parte; mas, no entanto, não dão significância. É importante buscar o que há de comum a todos através da natureza, ao invés de pensar as diferenças, buscando a essência daquilo que se faz parte, ressaltando o princípio do pertencimento ao lugar.

A partilha dos saberes construídos, das posturas (res)significadas, das ideias inovadas e das atitudes aconteceu na reunião pedagógica junto aos pais das crianças, cujas palavras lançadas foram acerca das transformações percebidas nos filhos e, associado a isso, sobre a esperança de um mundo melhor.

4 Considerações atuais

Transformar é uma palavra constituída por vários sinônimos. A transformação aqui proposta foi a de tramitar de um estado “parasita” para um de “agente social”. Pensar sobre os rios internos do ser humano em uma perspectiva interpessoal coloca o sujeito em “xeque-mate”, para que rompa com sua condição de acomodado preestabelecida pelo *status quo*, fornecendo condições para uma ação modificadora. Entender de forma coerente as ações não se faz

por quem se “aconchega” em si, mas sim por meio de um ato dinâmico e comunicativo. Dessa forma, não existe a premissa de refletir por uma transmissão de conhecimentos, mas sim pela coparticipação do sujeito. E essa coparticipação é no sentido direto, daquele que se desprende, se desacomoda e passa do papel de espectador para o de protagonista. Significa fugir do medo da solidão, do medo da liberdade, da divisão do mundo, para conviver de forma cooperadora e autêntica (FREIRE, 1996).

A avaliação sobre as ações realizadas foi de que os objetivos foram atingidos de forma parcial. As expectativas de envolver toda a comunidade escolar não se concretizaram; porém, o caminho para a compreensão da Educação Ambiental, no sentido de repensar certos paradigmas, foi construído na turma das crianças que executaram o projeto e por suas famílias. No entanto, o fato de as ações terem acolhido um público menor do que o almejado não minimizou a importância dos resultados, pois o projeto germinou, naqueles envolvidos diretamente, um transtorno positivo, evidenciando o florescimento de posturas renovadas e perspectivas naturais de sua própria natureza.

Pessoas são seres com culturas, expressões, capacidade de racionalização, ética e capazes de transformar, e (re)construir de forma consciente o mundo e nossas formas de vida. Assim, considera-se que o presente trabalho tocou no cerne de cada envolvido, transformando as atitudes e trazendo uma reflexão individual de cada um sobre o seu agir. Isso se evidenciou de forma gradativa nas diversas interações com a natureza e em diversos momentos na forma como as crianças e suas famílias se posicionavam e agiam em determinadas situações.

Explorar esta temática com crianças pequenas não foi uma tarefa fácil; porém, prazerosa e recompensadora. Constatar as mudanças individuais e ver o reflexo coletivo nos diversos momentos de interação foi significativo, ainda mais, levando-se em consideração que este trabalho envolveu não só as crianças que estavam diretamente ligadas à execução do projeto mas também as suas famílias, porque estas verbalizaram, em diversos momentos, sobre as atitudes positivas que percebiam em seus filhos.

Considera-se que o trabalho não se finda na conclusão das atividades que foram realizadas, pois se entende que a ressignificação individual deve ser constante e a ação deve ser plena e diária. Acredita-se que as crianças e suas famílias vislumbraram outras formas de ver a Educação Ambiental, o que é determinante para um caminho em que os rios internos sejam cristalinos.

Dessa maneira, avalia-se como animadora e extremamente significativa a ação realizada, já que foram percebidos os resultados, e almeja-se que atividades desenvolvidas continuem a refletir nas ações da vida dessas crianças. Traz-se aqui um resumo de uma frase de um livro lido em uma oportunidade, e atreve-se a realizar um trocadilho, transpondo a interpretação da autora deste artigo:

Jerusalém cidade sagrada, tantas vezes conquistada e construída por exércitos e por homens, com os corações cheios de amor e as mãos cheias de armas. Conclui-se que as ações conquistaram um espaço ao qual cada um já pertencia; porém, não sabia, onde cada um tem o coração cheio de amor e as mãos cheias de flores, todos os adjetivos que lhe cabem, a formosura, a graça e o encanto.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Educação Ambiental** – ProNEA. 3. ed. Brasília, 2005. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/pronea3.pdf. Acesso em: 10 jun. 2017.

CADERNO DE MENSAGENS. **Os rios não bebem sua própria água**. 2007. Disponível em: <https://www.cadernodemensagens.net/reflexao/os-rios-nao-bebem-sua-propria-agua>. Acesso em: 28 out. 2019.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental/conceitos para se fazer educação ambiental**. Brasília: Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ambiente/>. Acesso em: 28 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

MATURANA, Humberto. **Matriz Ética do Habitar Humano**. 2009. Disponível em: <https://msamoraes.files.wordpress.com/2014/02/maturana-humberto-et-all-2009-matriz-c3a9tica-do-habitar-humano.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2017.

MOTA, Junior Cesar. A Educação Ambiental Estética como uma ferramenta à (re)significação do ser-sensível. In: CHAIGAR, Vânia Alves Martins; SOARES, Luiz Paulo da Silva (Org.). **IV Seminário Interfaces Pedagógicas: licenciaturas em diálogo: escola e universidade - utopias, tempos e experiências [livro eletrônico]**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2016. p. 38-41. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/c76807_e4d91a75df3a44b-39b08233550658a4d.pdf. Acesso em: 3 de jun. 2017.

MOTA, Junior Cesar; COUSIN, Cláudia da Silva; KITZMANN, Dione Iara Silveira. A Educação Ambiental Estética e as relações de pertencimento no processo de Ambientalização Curricular. **Revista Pedagógica**, Unochapecó, v. 20, n. 45, p. 207-226, 2018.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental?** São Paulo: Brasiliense, 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. *In*: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 245-255.

SATO, Michele; PASSOS, Luiz A. Versos e reversos da diversidade. *In*: IMPÓSIO SUL-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1.; SIMPÓSIO GAÚCHO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2. 2002. Erechim. **Anais eletrônicos [...]**. Erechim: URI, 2002. (Conferência de abertura). Disponível em: http://www.ufmt.br/gpea/pub/Erechim_diversid.pdf. Acesso em: 22 de jun. de 2018.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. *In*: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina Moura (Org.). **Educação Ambiental – pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-44.

SAUVÉ, Lucie. Viver juntos em nossa Terra: desafios contemporâneos da educação ambiental. **Revista Contrapontos Eletrônica**, Itajaí, v. 16, n. 2, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/8697>. Acesso em: 1 jun. 2017.

Recebido em: 08/06/2019

Aprovado em: 04/11/2019

Publicado em: 20/12/2019